

Dora Kramer*

Oposição flerta com o abismo

Se a direita não ficar esperta, se insistir em confrontar o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos), pode acabar perdendo uma eleição praticamente ganha em São Paulo. Esse flerte com o abismo geralmente assola quem sobe no salto antes do tempo.

É dessa altura traiçoeira que o PL e Jair & filhos parecem enxergar a cena eleitoral em alguns territórios que consideram dominados. Em Santa Catarina, o partido rifa a candidatura ao Senado da deputada Caroline de Toni -ultradireitista, bolsonarista de todos os costados disponíveis- para apostar num Carlos Bolsonaro importado do Rio de Janeiro e, com isso, produzir um racha na direita local.

Em São Paulo, há ameaças de lançamentos de nomes ao governo do estado para competir com Tarcísio no mesmo campo. A briga entra pela indicação de candidatos a vice e ao Senado mais identificados com o bolsonarismo, contrariando a lógica da aliança de políticos da centro-direita para ampliar o escopo de atração do eleitorado.

Enquanto a oposição desorganiza o próprio terreiro, o presidente Luiz Inácio da Silva (PT)

mostra que não está para brincadeiras. Entra em campo pintado para a guerra. E com a vantagem de reconhecer as desvantagens.

No palanque, Lula canta vitória na retórica, mas na prática atua com consciência das dificuldades. Soou claríssima a convocatória pública para Geraldo Alckmin (PSB) e Fernando Haddad (PT) cumprirem “papel importante” em São Paulo.

Está ainda obscura, mas evidentemente em curso, qual a jogada que o presidente fará para compor a chapa à reeleição. O impacto da aliança com Alckmin em 2022 passou. Precisar-se-á de outro lance igualmente impactante para afastar os oponentes da direita dos calcanhares.

Na boca de cena desenha-se a cooptação do MDB. No bastidor, no entanto, é que se rabisca o roteiro dos próximos capítulos. Neles, não é prudente descartar o papel de protagonista engajado que venha a desempenhar Gilberto Kassab com um capital de três pretendentes à Presidência no PSD.

*Jornalista e comentarista de política

Paulo César de Oliveira*

Alckmin, o vice correto para Lula

O presidente Lula, não é novidade para ninguém, já está em plena campanha por um quarto mandato presidencial. Nos dois primeiros mandatos, no início dos anos 2000, teve um mineiro, José Alencar Gomes da Silva, como seu vice, o que lhe rendeu muitos milhões de votos.

Alencar era um político sério, de credibilidade, o que ajudou Lula a quebrar as resistências que enfrentava em várias camadas da sociedade. Pelo bom trabalho nos dois primeiros mandatos, e pelos programas sociais que criou, Lula conseguiu eleger Dilma sua sucessora. Tinha planos para o terceiro mandato, mas acabou, dizem os petistas, traído por Dilma que não lhe deu espaço para a disputa.

A lição ficou e Lula, ao buscar um terceiro mandato, repetiu a estratégia e se aliou a um outro político de credibilidade, desta vez o paulista Geraldo Alckmin, um ex-tucano que derrotara na eleição presidencial de 2006, no segundo turno.

Se nos dois primeiros mandatos o seu vice foi um mineiro da “gema”, o companheiro no terceiro mandato tem uma veia de Minas. É primo da saudosa raposa da política mineira, José Maria Alck-

min, que também foi vice de Castelo Branco, primeiro presidente do período da ditadura militar.

Hoje há quem discuta se Lula deve manter a aliança com Alckmin ou escolher outro, em nome de composições partidárias. Difícil Lula encontrar outra opção com a experiência, a competência e, acima de tudo, lealdade de Geraldo Alckmin, um adversário político lá atrás, que se mostra um companheiro leal, comprometido com metas e planos do atual governo.

Alguém com experiência política e administrativa como vereador, prefeito, vice-governador, governador, secretário e ministro. Alguns vão argumentar que Lula precisa buscar uma composição que lhe assegure sustentação política no governo. Precisa também de alguém de sua absoluta confiança que o ajude a dialogar e trafegar com tranquilidade entre os diferentes grupos e que tenha capacidade administrativa. Tudo o que Alckmin demonstrou ter.

*Jornalista e diretor-geral da revista Viver Brasil

EDITORIAL

Uma década perdida no transporte coletivo

A decisão da Prefeitura de Campinas de adiar, mais uma vez, o cronograma da licitação do transporte coletivo expõe um problema que já não pode ser tratado como pontual. O processo, que se arrasta há quase dez anos, revela fragilidades técnicas, falhas de planejamento e, sobretudo, a incapacidade do poder público de entregar uma política estruturante essencial para a cidade.

O novo adiamento, motivado por inconsistências apontadas pelo Tribunal de Contas do Estado, não é apenas um ajuste burocrático. Trata-se de erro em cálculos básicos que impactam diretamente o custo da operação, como o Fator de Utilização e a estimativa de benefícios trabalhistas. São falhas que deveriam ter sido identificadas e corrigidas muito antes da publicação do edital, especialmente em um processo que mobilizou milhares de páginas, dezenas de documentos e anos de discussão.

Embora seja correto e necessário que o município respeite as determinações dos órgãos de controle, a recorrência desses apontamentos evidencia que o problema vai além da fiscalização externa. A cada correção emergencial, cresce a percepção de improviso em um projeto que deveria ser sólido, transparente e tecnicamente incontestável.

O mais grave, no entanto, não está apenas nos erros de planilha. A

demora prolongada compromete a confiança da população e impede que Campinas avance em um modelo de mobilidade compatível com seu porte. Enquanto o edital patina, o transporte coletivo segue perdendo usuários, competitividade e qualidade, aprofundando desigualdades territoriais e sociais.

Especialistas alertam que a discussão não pode se limitar ao cumprimento formal da legislação. É preciso clareza sobre que sistema a cidade deseja para os próximos 15 anos. Um transporte coletivo eficiente exige prioridade real no sistema viário, corredores exclusivos, integração inteligente e políticas tarifárias que promovam inclusão. Sem isso, qualquer concessão corre o risco de perpetuar um modelo caro, lento e pouco atrativo.

Campinas perdeu tempo demais. Uma licitação dessa magnitude não pode ser apenas legalmente correta; precisa ser estratégica, ambientalmente responsável e socialmente justa. A insistência em remendos técnicos e adiamentos sucessivos cobra um preço alto: quem paga a conta é a população que depende diariamente do ônibus.

Mais do que corrigir planilhas, a Prefeitura precisa responder à pergunta central que permanece sem resposta há quase uma década: qual transporte coletivo Campinas quer? E para quem?

Opinião do leitor

Em ritmo de Carnaval

Quantas cores, quantos tons, quantas belezas! É a vida da arte e da cultura brasileira. Que são renascidas a cada batida do pandeiro no carnaval que celebramos juntos. As várias nações de um mesmo Brasil.

José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: PORTUGAL DEVE MUDAR O EMBAIXADOR NO BRASIL

As principais notícias do Correio da Manhã em 10 de fevereiro de 1931 foram: Gago Coutinho levará mais de três semanas para ter seu hidroplano pronto para continuar a Travessia do Atlântico nova-

mente. Orçamento alemão provoca longos debates entre governo e oposição no parlamento. Portugal deve tirar o embaixador Daurte Leite do Brasil. Espanha sacramenta as eleições legislativas para março.

HÁ 75 ANOS: CLASSE CAFEEIRA PEDE MAIS AJUDA DO GOVERNO PARA COMPETIR NO MERCADO

As principais notícias do Correio da Manhã em 10 de fevereiro de 1951 foram: Tropas Aliadas retomam os controles das cidades de Inchon e Kimpo. Escola Naval anuncia novo concurso. Governo diz que

abandono do plano de ajuda ao gado fez com que aumentasse a importação de carne argentina. Classe cafeeira entrega a Vargas memorando em que pede exclusão do congelamento ou preço mais flexível.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@correiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.